



Infância, Memórias e corporeidade: Significados para estudantes do Curso de Pedagogia da UFPel.

CERQUEIRA, Mariana - ESEF-UFPel - nanacerqueira@hotmail.com **FIGUEIREDO, Márcio Xavier B.** ESEF-FAE-GPCIEI - Orientador – E-mail: bonorinosul@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda as memórias corporais da infância com a intenção de identificar e categorizar como o corpo, as brincadeiras, os brinquedos, aparecem nos registros dos diários de alunos do curso de Pedagogia – UFPel.

Através de uma análise das narrativas, buscaremos, uma compreensão sobre as memórias, o corpo e o movimento no período da infância. Ressaltaremos também, a influência das subjetividades, interesses, os conflitos e contradições, enfim o potencial de sínteses e transformações vívidas na infância, na escola sobre a prática educativa futura destas educadoras e educadores.

Nas narrativas, as educadoras e educadores trazem a tona experiências com muitos significados permitindo movimentar as lembranças do passado sobre os acontecimentos vividos. Os momentos para recordar as memórias da infância, são repletos de muita emoção, a sensação é de reviver, mais uma vez, o que aconteceu no passado. Chauí (2000, p. 164) diz que:

A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e, no tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo).

Refletindo sobre o que autor expressou acima e pensando nos objetivos da pesquisa que é identificar a relevância das memórias, do corpo, da corporeidade, dos brinquedos, das brincadeiras têm para os educadores e educadoras em processo de formação. Valho-me de uma indagação de Figueiredo (2007, p. 2) que enfatiza ser necessário:

Dar visibilidade aos objetos de nossas memórias, lembranças, vivências de infinitos tempos e lugares – brinquedos, livros, velhas roupas de crianças, fotografias, objetos de estimação, cartas escritas a bico de pena... Lugares onde moramos, vivemos, trabalhamos. Assumir a própria vida, transformar os espaços e permitir expressar-se do seu jeito, com seus ritmos e possibilidades. Entrar no palco virtual, um mistério a ser desvendado, reconhecido como outras maneiras de se fazer educador e educadora. E ao garimpar ou peneirar as manifestações

das memórias e as histórias de vida, através desses objetos íntimos retirados dos baús do passado, e desta forma abrindo espaços para muitos conhecimentos e transgredindo as indiferenças, nos perguntamos: Por que os cenários de nossas memórias, lembranças e vivências - brinquedos, livros, fotografias, cartas, objetos de estimação - muitas vezes ficam indiferentes nos processos de formação?

Compreendemos que leituras serão necessárias para que estes educadores entendam seu corpo e o corpo dos alunos como instrumento de trabalho e de interação social. O autor afirma ainda nesta mesma obra que existe a necessidade dos educadores romperem com suas certezas, pois as escolas deixam marcas no corpo que totem os movimentos e as emoções. Deste modo, através das lembranças da infância trazidas a tona na escrita das memórias, os educadores poderão alterar as relações a serem estabelecidas com os alunos, com os conhecimentos. Além de repensar os caminhos trilhados, as escolhas a serem feitas e os critérios a serem estabelecidos nos espaços educativos.

Na escola, as adaptações do corpo podem ser vistas como sinônimo de desordem, nesse contexto, os alunos, muitas vezes reprimidos pelo “mau” comportamento com restrição das atividades prazerosas praticadas na escola. Em relação a isso uma das acadêmicas coloca em seu diário que nesta fase da escola, acredita que a professora tenha sido peça responsável pela sua timidez corpórea, pois quando se manifestavam em aula mandava-os para o recreio um de cada vez, revezando o tempo para que não pudesse brincar juntos, como forma de castigo.

Quer coisa melhor do que recordar, sobre a corporeidade, o corpo, os brinquedos e as brincadeiras da infância na escola? Pois então, através das memórias da infância, as educadoras e educadores participantes da pesquisa, recordam experiências vividas, como se pudessem reviver o que aconteceu com muita emoção.

MATÉRIAS E MÉTODOS: espaços de escutas e recriação

Esta pesquisa será realizada com vinte e sete estudantes do Curso Noturno de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas que cursam a disciplina Ensino-Aprendizagem, Conhecimento e Escolarização VI que tem por objetivo aprender formas de articulação dos estudos de espaço, tempo e relações sociais, no universo da corporeidade, na escola e na sociedade.

A opção metodológica no trabalho será pela abordagem qualitativa, através de uma análise dos vinte e sete registros escritos pelos alunos, com histórias e memórias das suas práticas corporais durante a infância. A questão de pesquisa busca identificar e categorizar como o corpo, as brincadeiras, brinquedos aparecem no decorrer da infância em diversos espaços, como escola, rua, casa, família e outros.

Os objetivos da pesquisa são articular os relatos sobre as memórias com visões e concepções de teóricos acerca da temática; Como as memórias, poderão contribuir para pensar possibilidades diferentes de agir nos espaços educativos, diferentes dessas expressas nas memórias.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: narrativas garimpadas nos baús dos tempos... Possíveis significados

As narrativas escritas pelas educadoras e educadores a partir da categorização, relacionada à corporeidade, o corpo, as brincadeiras, os brinquedos vivenciados na infância nos espaços da escola e da rua. Aparecem em duas categorias. **Escola** (Ensino, corpo, expressão corporal, Educação Física, Recreio, jogos, esporte, ginástica, dança, luta, brincadeiras e brinquedos) e **rua** (expressão corporal, gênero, brincadeiras, brinquedos, jogos, esporte, ginástica, dança e luta).

Como dito anteriormente, percebemos muitas coisas em comum nos escritos, o fato de ter que ir à escola, por exemplo. Muitas educadoras revelaram a insatisfação com o ensino das escolas na época, grande parte no período da ditadura, as quais respondiam interesses políticos.

Uma fala de uma das participantes indica que: “Era uma escola católica e ditatorial, respondia interesses políticos e da igreja. Eu não gostava de horários regradados, rotinas, responsabilidades, tarefas e um aprendizado cruel da escola. Achava uma exposição agressiva. Os objetivos a serem alcançados, na escola, muitas vezes não eram os meus”.

Nesta “fala” percebemos que durante as aulas permaneciam sentados, sem poder rir, conversar ou expressar-se corporalmente, em momento algum. Por vezes havia a necessidade de quebrar aquela monotonia, extravasar a corporeidade através de movimentos, no entanto, como os conteúdos, deslocamentos em fila, os horários e as regras, o ensino os impedia de fazê-lo.

CONCLUSÕES

Por este e outros motivos, o recreio e as aulas de Educação Física foram apontados como os mais esperados nas escritas. Por mais que tenha uma estrutura de aula como qualquer outra disciplina, a Educação Física é vista como o momento para movimentar-se, onde podem “extravasar” toda a energia dominada pela professora em sala de aula.

O recreio, muito esperado pelas crianças, é o momento em que brincam respeitando suas próprias regras, não há distinção por gênero, idade ou cor. As brincadeiras nessa hora lembram aquelas de casa, da rua, da pracinha, que por vezes são reprimidas, pela “tia que cuida o pátio”, por uma risada mais alta, ou por alguns empurrões que fazem parte das regras.

Há outros registros que enfatizam que: “(...) no horário do recreio ficávamos mais à vontade, mas sempre havia professoras cuidando para não haver excessos; Brincava muito no recreio (...) era só diversão, o corpo ficava livre para brincar; No recreio não brincava de bonecas e nem era comportada, gostava de correr e caía muito”.

Como vimos acima, além da recordação sobre as brincadeiras no horário do recreio, das aulas de Educação Física e repressão do corpo em sala de aula, grande parte das educadoras e educadores relataram que gostavam das atividades extraclasse. Participavam de grupos de teatro, de dança, escolinhas de vôlei, basquete e futebol, atividades que contribuíram para a corporeidade, para que pudessem comunicar-se e expressar-se através do corpo.

Mais uma vez extraímos dos registros outras vozes que dizem: “(...) socializava-me naturalmente e as dificuldades foram superadas. Entrei para a dança, e para o teatro, onde adquiri autoconfiança; Aos 12 anos entrei para o time de futebol, onde permaneci até os 16, Minha paixão!; Participei de apresentações de dança na escola e do grudinho na ESEF, foi então que aprendi a me socializar, a interagir com as pessoas, vencer medos, aprender a ouvir”.

No espaço da rua e em casa, as crianças são livres de um mundo de regras e responsabilidades, podem brincar de correr, pular, escalar muros e árvores. O importante é a imaginação, é aflorar a corporeidade através dos movimentos sem vergonha de ser criança. Através da imaginação e movimentos, percebem-se momentos inocentes, de um mundo colorido e repleto de sonhos das crianças.

O que interessa-nos enquanto somos criança é viver o presente e pensar no dia de amanhã como mais um dia para brincar, inventar, imaginar e realizar. Em suas escritas, as educadoras e educadores recordavam os momentos da infância que deixaram apenas lembranças e saudade de uma fase encantada, repleta de alegria e de vida. Recordo da minha infância, dias inteiros de brincadeiras com vizinhos e irmão, que passavam muito rápido. Chegava à noite, hora de dormir e pensava em descansar para acordar na manhã seguinte e começar mais uma rotina de atividades.

REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, M. **Um convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.
- FALCÃO, A. P. B.; RAMOS, R. O. **A importância o brinquedo e do ato de brincar para o desenvolvimento psicológico de criança de 5 a 6 anos**. 2002. Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/monografias/IMPORTANCIA_BRINQUE_DO_ATO_BRINCAR.PDF Acessado em: 25/06/2009.
- FIQUEIREDO, M. X. B. **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos**. 5ª Ed. Pelotas: Editora da UFPEL, 2007.
- _____.; RIGO, L. R. **Corporeidade das Educadoras: Histórias da infância à sala de aula**. Pelotas: UFPel/ Grupo de Pesquisa Cultura, Infância e Educação Infantil, 2008.
- GOMES, R. Análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação**. Campinas: Papirus, 1994.
- KENSKI, V. M. In: FAZENDA, I. C. A. (Org.). **A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento**. Campinas/SP: Papirus, 1995.
- MINAYO, M. C. S. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- _____. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 3ª Ed. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1994.
- NETO, E. S.; SILVA, M. R. P. **Quebrando as armadilhas da “adulterez”**: o papel da infância na formação das educadoras e educadores. UMESP: 2007.
- SUTIL, C. **Memórias escolares do ensino de Educação Física: o tempo fez com que a gente aprendesse a ver as coisas com outros olhos**. 2009. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- STEUCK, C. D. **Corporeidade e Educação: Um Olhar a Partir da Epistemologia Social**. 2008. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau.
- TEIXEIRA, K. C. **Infância e Atualidade: A Concepção de Infância na Prática Educativa**. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/infanciaatualidade/index.php?pagina=0> Acessado em: 28/06/2009